

LITERATURA SURDA: PRODUÇÕES DA COMUNIDADE SURDA DO NORDESTE.

Fabiano Souto Rosa – Universidade Federal de Pelotas

Gisele Maciel Monteiro Rangel - Instituto Federal de Rio Grande

Atualmente, no Brasil, há 9,7 milhões de sujeitos surdos e deficientes auditivos, segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / IBGE (Senso de 2010). Segundo essa mesma pesquisa, a deficiência auditiva é apontada como a segunda maior deficiência, no que diz respeito à quantidade de afetados. A região Nordeste apresenta 3.075 milhões de sujeitos surdos e deficientes auditivos, sendo esta região brasileira, a segunda maior no que diz respeito ao número de sujeitos surdos encontrados.

No Brasil, os surdos utilizam a Língua Brasileira de Sinais - Libras, que é a língua reconhecida pela Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002, e pelo Decreto 5.626 de 30 de dezembro de 2005. Assim, como outras diversas línguas naturais e humanas existentes, ela é composta por níveis linguísticos como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Da mesma forma que nas línguas orais-auditivas existem palavras, nas línguas de sinais também existem itens lexicais. A diferença é a sua modalidade de articulação, visual-espacial. Durante muito tempo, a Língua de Sinais foi vista como uma linguagem de gestos, pantomimas e sem consistência para uma boa e fluente comunicação entre as pessoas, ou seja, era concebida como uma língua inferior a todas línguas orais. Então, sua estrutura linguística merecia pouca ou nenhuma importância no contexto linguístico, social, cultural, político e educacional perante a sociedade.

É importante saber que não são todos os sujeitos surdos que utilizam Libras; cada um tem sua história, prefere utilizar Libras como primeira língua, ou, desconhece a Libras. Alguns surdos preferem não participar da comunidade surda, que é o polo de encontro dos surdos que usam a Língua de Sinais. Assim, há uma divisão entre surdos que usam a língua de sinais e surdos que preferem oralizar ou usam outro tipo de comunicação que não seja a Língua de Sinais.

No entanto, percebemos que há evolução nos estudos linguísticos em língua de sinais; entretanto, para se entender a linguística da Libras é importante conhecer um pouco na história de surdos. No caso dessa pesquisa, se faz importante conhecer esse histórico, já que possuem uma relação intrínseca. A autora Karin Strobel (2008) aprofundou em sua tese sobre a importância da história dos surdos, explicando que:

O sujeito surdo ao conhecer e a vivenciar a história de surdos desenvolve a sua identidade pessoal, do 'eu', começa a ter uma visão mais sistematizada acerca sua diferença e do povo surdo em que vive, através de suas descobertas e discussões, enxerga o mundo, discute, descreve e escreve o que vê, o que sente em relação ao seu ser surdo. Ele exterioriza a sua subjetividade e desenvolve sua auto-estima. (STROBEL, 2008, p. 41)

Através de discussões em torno da educação dos surdos, procuramos mostrar a importância de pesquisas nesta área, a fim de intensificar o domínio dos discursos ouvintistas. De um lado estavam os ouvintes que acreditavam que os surdos eram deficientes; de outro a minoria surda, buscando a visibilidade da sua cultura, identidade, diferença, entre outros.

Lutando pelos seus direitos, surgiram outras necessidades, girando em torno da inclusão educacional e social, como o bilinguismo, a acessibilidade em espaços públicos, o intérprete da língua de sinais, entre outros. Iniciaram-se, então, discussões e pesquisas organizadas num campo denominado Estudos Surdos, lançando-se com o objetivo de luta contra a representação da surdez como deficiência, contra a visão da pessoa surda enquanto indivíduo deficiente, doente e sofredor, e, contra a definição da surdez como experiência de uma falta.

Ora, os surdos, enquanto grupo organizado culturalmente, não se definem como deficientes auditivos, ou seja, para eles o mais importante não é frisar a atenção sobre a falta/deficiência da audição. Os surdos se definem de forma cultural e linguística e gostam de ser reconhecidos por tal diferença.

De acordo com Stumpf (2008), este campo de discussão tornou os surdos fortalecidos, organizados culturalmente. Citamos Wrigley (1996, p. 12), que explica que os surdos “não se definem como “deficientes auditivos”, ou seja, para eles o mais importante não é focar a atenção sobre a falta da audição - os surdos se definem de forma cultural e linguística”

Perlin (2004) entende que:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação da invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social. (PERLIN, 2004, p. 77-78)

Esta pesquisa unia as teorias científicas e histórias de sujeitos surdos. Acredito que é importante envolver as teorias e histórias, para mostrar ao mundo, também para compreender

os termos quais nós pesquisamos para a dissertação. Sujeitos surdos querem mostrar o seu valor, por isso a minoria que precisa unir-se através de suas histórias a fim de que cresçam, conforme Padden e Humphries (2000) explicam:

[...] Primeiro, como em outras culturas, elas são carregadores de história, maneiras de repetir e reformular o passado para o presente. E segundo, nas circunstâncias especiais da comunidade surda, estas histórias assumem outro peso: elas são um meio vital de ensinar a sabedoria do grupo para aqueles que não têm famílias surdas. [...] (PADDEN e HUMPHRIES, 2000, p. 38)

Para o Brasil, começou a aprofundar os estudos linguísticos em Língua de Sinais, em 1990, Lucinda Brito, seguida por Ronice Quadros e Lodenir Karnopp, posteriormente. Diniz (2011) também é uma autora importante, já que disserta acerca da década de 1990, período em que ocorreram vários movimentos da comunidade surda brasileira, reivindicando seu direito linguístico.

De acordo com Thoma e Klein (2010):

Os anos 90 do século XX podem ser lembrados como o tempo da mobilização e do fortalecimento dos movimentos surdos no Brasil. Os surdos gaúchos, em parceria com pesquisadores da área da Educação de Surdos, mobilizaram-se e engajaram-se nas lutas que, naquele momento, privilegiavam a necessidade de reconhecimento da língua de sinais como primeira língua dos surdos. Várias mobilizações, como passeatas, atos públicos em parlamentos e nas ruas, articuladas por associações e escolas de surdos marcavam os calendários das escolas e entidades representativas de surdos, familiares e educadores. (THOMA E KLEIN, 2010, p. 110)

Percebemos que muitas pesquisas sobre estudos linguísticos conseguiram evoluir. Esta pesquisa aborda também sobre a literatura surda, na qual vamos explicar a importância desta, bem como alguns pormenores sobre tal. Afirmamos que a Literatura Surda começou há pouco tempo, não sendo encontrada em muitas pesquisas. É importante salientar que haviam produções e materiais da literatura surda, porém não haviam pesquisas científicas sobre estes.

A Literatura surda traz histórias de comunidades surdas. Sabemos que a comunidade surda, a qual sujeitos surdos sempre convivem, é o espaço onde os surdos narram as suas histórias, piadas, entre outros. Na época, não havia registros de suas histórias; essa história era passada todos os anos pelos surdos de mais idade e pelos surdos adultos aos surdos mais jovens. Percebemos assim um modelo de como os sujeitos surdos transmitem valores

históricos de várias gerações de surdos, através da história “oral”¹. Podemos encontrar na comunidade surda vários tipos de literatura, quer dizer, piadas, fábulas, conto de fadas, entre outros. Entendemos Comunidade Surda como o território de sujeitos surdos, qual eles convivem, encontram, constroem a sua cultura, identidade surda, entre outros. Perlin (1998) descreve:

O termo comunidade, no caso dos surdos, designa um grupo que habita uma região determinada, marcado por características específicas, porém não isolado, vivendo no meio de pessoas ouvintes que são maioria. Nestas características entram os aspectos antropológicos: história, língua, cultura e arte; porém, entram outros elementos comuns entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte: nacionalidade, religião, governo, raça e etnia. Todo este complexo não chega a definir a comunidade surda como autônoma, apesar da aceitação corrente do termo. (PERLIN, 1998, p. 32)

Assim, tendo tal interação, sentem a necessidade de registrar suas histórias, piadas, para que esse registro permaneça para as futuras comunidades surdas. É importante divulgar essas suas histórias, para a comunidade surda do Brasil, fortalecendo o vínculo surdo-surdo. Há muitos sujeitos surdos não conhecem a literatura surda, já como não há uma universalização da cultura surda. Cada região tem seu jeito de narrar, também adaptada a sua cultura da região. Por isso, acreditamos que é importante envolver a literatura surda do Brasil, sem padronizar, respeitando a cultura de cada região. Esse respeito é essencial para que se possa registrar e divulgar esses registros de Literatura surda, além de valorizá-la.

O enfoque da Literatura Surda é a transmissão da língua, da cultura, o conhecimento da história de outras pessoas surdas, e dá aos surdos informações na própria língua, conforme Karnopp e Machado (2006) explicam:

O mesmo acontece com a literatura surda, em que histórias são adaptadas, traduzidas, produzidas e criadas para a utilização dos surdos. [...] utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e cultura surda presentes nos textos e nas imagens de livros de literatura infantil. A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. O material, em geral, reconta a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou

¹ Colocamos “oral” neste trecho do texto não por afirmar que a história contada era pela língua oral-auditiva, mas evidenciando uma história que não era registrada e sim vivida pelos sujeitos surdos. Essas histórias eram repassadas de maneira informal para os sujeitos surdos, através da Língua de Sinais, mas sem nenhum registro escrito.

indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão do surdo.(KARNOPP e MACHADO, 2006, p. 3)

Além de todas essas vantagens, a literatura surda sensibiliza os ouvintes para refletir sobre o tema. Assim, acreditamos ser muito interessante indicar a leitura dessas obras em cursos de formação de professores, cursos de Libras ou mesmo em aulas de ensino regulares, como instrumento de trabalho sobre respeito às diferenças.

A Literatura Surda é toda literatura desenvolvida por e para surdos, com o objetivo de difundir e registrar a cultura e a comunidade surda, e a língua de sinais. As obras de literatura surda retratam tanto histórias próprias, criada por surdos, ou integrantes da cultura surda, como adaptações de clássicos da literatura repensadas sob a visão da comunidade surda. Ela pode e deve ser utilizada como um importante veículo de alfabetização e letramento dos surdos, pois ali o sujeito surdo poderá se reconhecer, o que o estimulará a desenvolver a leitura. Ela também pode ser um rico material didático para o ensino de línguas para surdos, podendo ser adaptada para diversas línguas, recontada, contada em Língua de Sinais, etc. Rosa (2011) esclarece que “para as crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e também uma forma para criar uma aproximação com a própria cultura e facilitar o aprendizado da sua língua natural, que auxiliará na construção de sua identidade”. (ROSA, 2011, p. 31)

É importante saber que a Literatura Surda se divide em três tipos: tradução, adaptação e criação. Rosa (2011) concluiu o mestrado sobre literatura surda; ele esclarece que a tradução tem sua modalidade, trabalha com a tradução da língua portuguesa para a Libras. Rosa (2011) esclarece que “é possível constatar que na Literatura Surda já existem livros digitais publicados na modalidade de tradução cultural, sendo que nesta modalidade trabalha-se com tradução da Língua Portuguesa para a Libras” (ROSA, 2011, p. 40). Outra modalidade de literatura surda é a adaptação, onde há a adaptação de histórias de ouvintes para a cultura surda.

Ainda podemos colocar que a produção de material histórico de literatura é a partir de conto oral, com legenda em português, materiais estes que são destinados para ouvintes. Os surdos preferem que estas modalidades estejam na língua de sinais, mesmo adaptados do português, já que é com a língua natural destes surdos que eles conseguem entender os clássicos. Sobre isso, Rosa (2011) explica que este trabalho “é realizado levando em consideração a cultura Surda, a identidade Surda e a realidade de vida dos Surdos, sendo que são necessárias substituições na história original das características dos personagens e dos

acessórios que os acompanham” (ROSA, p. 41, 2011).

E na modalidade de criação, os sujeitos surdos se narram nas suas histórias, histórias da comunidade surda. Rosa (2011) complementa:

A Literatura Surda, quando produzida por um próprio surdo, torna-se diferente das produzidas por pessoas ouvintes. Isso se dá porque o surdo é aquele que vivencia as experiências surdas, sua cultura e a Libras. Por mais que o ouvinte seja fluente na Libras, tenha conhecimento sobre a Cultura Surda e participe ativamente da comunidade, ele jamais vai ter a experiência da mesma maneira que o surdo possui. Por isso, o surdo, geralmente, tem capacidade de produzir histórias que serão mais facilmente absorvidas e compreendidas por outros surdos, além de contar experiências com as quais outros surdos facilmente irão identificar-se. Ao produzir Literatura Surda, o sujeito surdo mostra, através dela, as expressões, a Libras e a cultura de maneiras diferentes para exibir a realidade do mundo para os outros surdos. (ROSA, 2011, p. 42)

Por isso, três instituições (Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Universidade Federal de Rio Grande do Sul - UFRGS e Universidade Federal de Santa Maria - UFSM) desenvolveram o projeto de pesquisa: Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”; este foi desenvolvido em 2011. O projeto procura materiais que foram produzidos pela comunidade surda brasileira, com a cultura surda. Cada instituição se responsabiliza de viajar para cada região e buscar os materiais produzidos pela comunidade surda. Fotografias, vídeos e entrevistas também foram realizadas com os responsáveis de produções e publicações.

Depois da viagem, fomos apresentar os materiais para divulgar no Festival Brasileiro de Cultura Surda, o qual foi realizado nos dias 13 a 15 de novembro de 2011, na Universidade Federal de Rio Grande do Sul / UFRGS. Havia muitos participantes, como pesquisadores, artistas e públicos para conhecer os materiais e produzidos pelas regiões. Este foi um momento importante para os surdos brasileiros, onde houve oportunidade para se conhecer as produções de várias partes do Brasil. Foi o primeiro festival de cultura surda do Brasil, e teve como principal objetivo dar visibilidade e contribuir com a divulgação das produções culturais das comunidades surdas brasileiras. É importante lembrar que o objetivo do festival não foi só mostrar a literatura surda, mas todas as modalidades culturais de surdos, incluindo cinema/mídia, teatro e artes visuais.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os dados coletados, tanto em Recife/PE, como em Fortaleza/CE.

Em Recife o espaço que se destacou quanto às produções culturais surdas foi a “Escola Suvag de Pernambuco²”, que é uma referência no Estado quanto à educação de surdos. Lá foram encontradas produções culturais nas diversas áreas como teatro, artes visuais, jornalismo. Nesta escola há um grande projeto denominado “Ponto de Cultura”, a partir do qual se articulam diferentes ações culturais, tais como o “Jornal Maluco” e as peças teatrais: Mãos em cena; Os sentidos da Paixão; Design Sonoro para Contação de histórias; Andar sem parar de transformar. Também foram fornecidos pela Escola Suvag livros, entre os quais: “Estudos Surdos: Novas perspectivas”, volumes I, II e III (publicações do Centro SUVAG) e “A discriminação em questão” (publicação da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco).

Na Escola Governador Barbosa Lima, encontramos materiais relacionados a aspectos didático-pedagógicos da sala de aula. Não foi possível perceber um trabalho específico voltado para o estímulo da criação e do desenvolvimento dos artefatos da cultura surda.

Nesta mesma cidade há os Projetos “FotoLibras”³ e “AnimaLibras”, patrocinados pela Petrobrás, os quais também são espaços de produção cultural surda em Pernambuco. Também foram encontradas produções cinematográficas surdas, realizadas independentemente de instituições. Tratam-se de filmes de curta e de longa metragem, tais como “Casa dos Estranhos” no qual atua uma atriz surda, produzido pelo CREMEPE – Conselho Regional de Medicina de Pernambuco.

Também foi realizado contato com o Pólo Letras/Libras da UFPE que disponibilizou material produzido na disciplina de Literatura Surda. Este acervo já se encontra em análise pelo grupo da UFRGS que analisa as produções dos alunos do referido curso em seus diferentes polos.

Já em Fortaleza foram encontradas produções culturais surdas no ICES – Instituto Cearense de Surdos – referentes a teatro, artes visuais, poesia, entre outros. O ICES forneceu vídeos com o “Jornal Sinalizado – Libras”, “Davi Noé”, no qual os atores apresentam e sinalizam sobre a história de Davi Noé (personagens da Bíblia encenados por atores locais) e

² No site da escola podem ser encontradas outras informações: <http://www.suvag.org.br/index.htm>

³ Maiores informações sobre o projeto podem ser encontradas no site: <http://www.fotolibras.org/>

“Grande Celebração Dia do Surdo”. Nesta instituição foram fornecidos materiais de outros Estados, como os citados abaixo:

- Rio Grande do Norte (Natal) - Filme: Mais de que um filme legendado;
- Paraíba (João Pessoa) - Filmes de Curta Metragem (FS: Matrix; FS: Empresa do Filmes de Surdos; FS: O chamado surdos de terror; FS: Jumper Surdo; FS: Os surdos e o invasão dos Et; FS: Piadas - Escola para surdos; FS: Heineken dos Surdos; FS: X- Factor);
- Amazonas (Manaus) - Um social Amazonas, um curta que apresenta intérprete de Libras e legenda.

No Instituto Filippo Smaldone (IFS) foram coletadas apenas fotografias, registradas na sala de leitura, onde o professor conta as histórias às crianças surdas e também praticam atividades teatrais. Algumas fotos mostram que professores e crianças constroem casinhas, materiais para o teatro, como por exemplo, cortinas para cenários.

Em Fortaleza alguns materiais foram coletados na Associação de Surdos, da qual participam várias pessoas ligadas à Feneis (CE), a qual fechou recentemente. Apesar do fechamento, muitos materiais foram produzidos no período ativo, os quais foram fornecidos à pesquisa. Os materiais coletados foram dois filmes: “Jovem Força Surda” e “Liderança e execução todos do mesmo compasso para melhor a vida social de jovens surdos”.

Há também produções independentes, como o livro “Uma história de superação”, da autora surda Vanessa Lima Vidal, bem como os CD's do artista Nilton Câmara (CD's coletados para a pesquisa: Grandes Momentos Musicalidade em Libras e Músicas em Libras).

Uma dificuldade encontrada em Fortaleza é que as escolas públicas municipais e estaduais estavam em greve no momento da visita, o que impossibilitou maiores contatos e possíveis coletas de dados.

Após a realização das visitas, foi possível concluir que os espaços onde há mais produções nos três Estados – Pará, Ceará e Pernambuco – são as escolas de surdos. Nelas encontram-se muitas produções culturais surdas, bem como contatos com outros artistas. Também observamos que falta divulgação das produções culturais surdas, mesmo em nível regional, visto que muitas vezes numa mesma cidade as produções existentes eram desconhecidas por muitos.

A partir do contato realizado com produtores da cultura surda nas visitas às regiões Norte e Nordeste, alguns foram convidados para participarem do Festival Brasileiro de

Cultura Surda. Alguns realizaram apresentações teatrais e palestras e outros apresentaram seus trabalhos nos eixos do Festival. Entre eles destacamos: AnimaLibras/FotoLibras; Grupo de Teatro Mãos Livres (Palhaços Surdos); Ponto de Cultura e Jornal Maluco.

O conjunto desses materiais está em fase de catalogação, seguindo a planilha geral da pesquisa, já elaborado nas fases anteriores. Cabe ressaltar que este quadro de catalogação vem sofrendo adequações e acréscimos conforme a natureza e características dos materiais coletados ao longo da investigação.

CONCLUSÃO

No projeto de pesquisa conseguimos mostrar várias temáticas que relacionam com a cultura surda. Percebemos que há muitas produções que foram publicadas, porém, muitas regiões desconhecem (na maioria das vezes pela falta de divulgação). Também há muitas produções que relacionam com a cultura surda, visão de sujeitos surdos, sua história, não tem muita influencia da sociedade, sim da comunidade surda. Isso é muito importante para a comunidade surda, para que se consiga divulgar a cultura surda, principalmente para crianças e jovens surdos. É importante que estes conheçam as produções de sujeitos surdos. Sobre isso, Rosa (2011) relata:

Os surdos que conhecem a língua de sinais construíram a base da sua cultura no contato com diversos surdos, na participação nas associações, conseguindo desenvolver-se e obter diversos conhecimentos. Por isso, são pessoas dotadas de conhecimento suficiente e informação de mundo capazes de torná-los autônomos, condutores de suas próprias vidas. (ROSA, p. 34, 2011)

Num comparativo com as visões anteriores sobre a surdez, percebemos uma postura bem diferente da visão de clínica / médica, quer dizer, representações clínicas, preocupavam com a norma, audição e fala. Atualmente, percebemos o fortalecimento da Comunidade Surda, sendo este progressivo, mostrando a sua história, identidade, cultura e língua. Podemos afirmar que tal posicionamento vem mudando a visão da sociedade no que se refere aos surdos.

Outro dado importante na análise dos vídeos é a autoria. A maioria dos vídeos foi produzida por Associações de Surdos, Escolas de Surdos, Grupos de Teatro Surdos e autores

surdos independentes que se destacam pelo grande número de produções divulgadas. É preciso nesse momento compreender esse jogo envolto a um sistema de representações. Na abordagem teórica a qual nos reportamos aqui, a representação é tomada como significados produzidos por práticas discursivas e sistemas simbólicos dando posicionamento aos sujeitos (WOODWARD, 1997). Essas representações tomam sentido nessa análise quando nos reportamos à maioria dos autores dos vídeos. Ou seja, o direito de representação, de constituição e apresentação da imagem cultural surda.

Assim, finalizamos este artigo incentivando a produção cultural surda, bem como estudos voltados não só no que diz respeito à Literatura surda, mas também estudos que valorizem a cultura surda e que retratem todas as suas particularidades. Percebemos que na Região Nordeste (especificamente em Fortaleza-CE e Recife- PE) há muita produção literária para surdos, bem mais do que na Região Sul. Estes materiais acabam por ficar isolados, sem que outras regiões tenham acesso a tais. Acreditamos que é necessário maior incentivo para a socialização deste material, objetivando uma maior circulação de artefatos culturais surdos em nosso país. Além disso, tal divulgação fortaleceria melhor entendimento aos leigos, do que é realmente a Libras, valorizando-a como idioma e como artefato cultural.

REFERENCIAS

BRASIL. LEI FEDERAL No 10.436, de 24 de abril de 2002 – Acesso: 10/04/2014 - www.libras.org.br/leilibras.php

KARNOPP, Lodenir Becker; MACHADO, Rodrigo N. **Literatura surda: ver histórias em língua de sinais**. In: 2o Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 2 SBECE. Canoas/RS: ULBRA, 2006. p. 1-13.

PADDEN, Carol, HUMPHIRES, Tom. **Deaf in America: voice from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre/RS: ARTMED, 2004.

QUADROS, Ronice. PERLIN, Gladis. **Estudos surdos II**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007

PERLIN, Gládis. **Histórias de vida surda: Identidades em questão**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós - Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 1998.

ROSA, Fabiano Souto. **LITERATURA SURDA: O que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós - Graduação em Educação, Universidade Federal do Pelotas,

Pelotas RS), 2011.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. **Mudanças estruturais para uma inclusão ética**. In: QUADROS, Ronice Müller (org). **Estudos Surdos III**, Petrópolis, RJ. Ed. Arara Azul, 2008.

THOMA, Adriana da Silva. KLEIN, Madalena. **Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil**. In: LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise, LOPES, Maura Corcini, MACHADO Fernanda de Camargo (Orgs). Pelotas, Cadernos de Educação: n. 36 / Mai/Ago, 2010.

WRIGLEY, Owen. **The Politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.